

Nº 72 - MAIO DE 2020

JORNAL DA APUB

SINDICATO DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES
FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR DA BAHIA



APUB
SINDICATO



CUT BAHIA



APUB NA QUARENTENA

IFES assumem protagonismo no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil

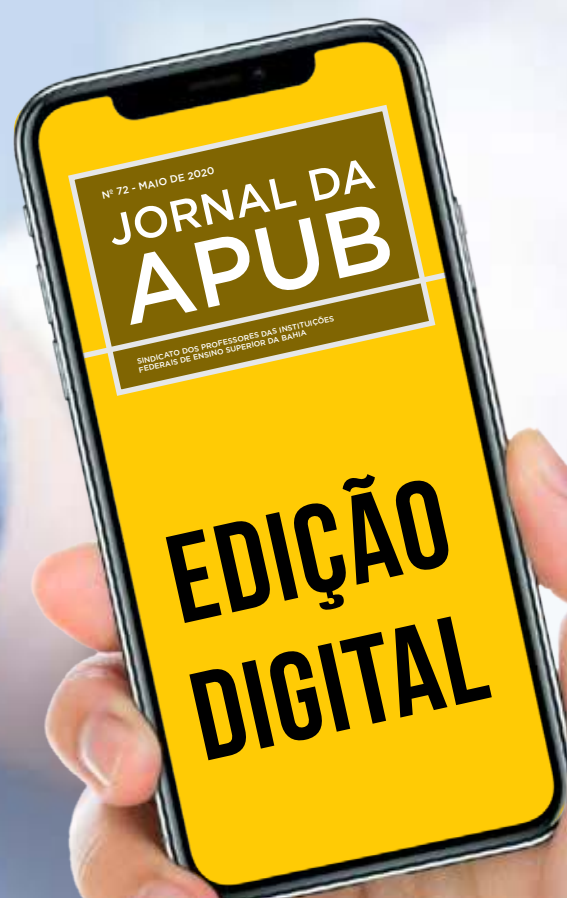
Página 8

Água morna com limão
não cura a Covid

Página 3

Pandemia no Brasil
e as tragédias
anunciadas

Página 11



► EDITORIAL

Mobilização na quarentena

Uma pandemia se abateu sobre nós e não há dimensão de nossas vidas que não tenha sido afetada. Desde aquele 18 de março, ironicamente o dia de uma greve geral da educação, fomos obrigados a reconfigurar as rotinas, o modo de nos relacionar e expressar afetos, de nos informar, de fazer política, de consumir e, sobretudo, nosso jeito de trabalhar. A plataforma digital, desde há alguns, anos já tinha se estabelecido como arena política, mesmo que o campo progressista a ocupasse de maneira tímida e parcial, em franca desvantagem em relação às forças políticas agora hegemônicas, que a usam principalmente para disseminação de desinformação e Fake News (pág. 03). As últimas ações presenciais de comunicação da APUB foram fixar tarja de CANCELADO nas faixas que anunciavam o local e a hora da concentração para mais uma manifestação de rua e dialogar com as trabalhadoras/es terceirizadas/os da Universidade, enquanto distribuíamos álcool em gel. De lá pra cá, nossas reuniões, planejamentos, articulações políticas, ações junto ao parlamento, manifestos, ações e acompanhamento jurídico, adaptaram-se à plataforma digital. É a primeira vez em sua história que a APUB publica uma edição de seu jornal apenas em formato digital.

Apesar de mudanças tão brutais, nossas bandeiras de luta não mudaram muito. O governo, indisfarçavelmente fascista e genocida, insistindo em sua perversa política de austeridade fiscal, tem sacrificado a população brasileira para além do que a própria pandemia já provoca (pág. 11). Tem, ainda, utilizado tática igualmente perversa de colocar em oposição trabalhadores CLT e os do setor público: após reduzir ao rés do chão os direitos daqueles, insiste em achatar os servidores públicos a semelhantes condições, tentando impor com reiteradas ofensas, em nome de suposto sacrifício pela crise, a naturalização do desamparo e da vulnerabilidade a que foi submetida a população brasileira, inclusive pelo sucateamento e privatização dos serviços que lhe são essenciais. Na direção oposta, as universidades públicas seguem respondendo à crise de modo efetivo, aplicando ciência ao enfrentamento da covid-19, produzindo informação qualificada, oferecendo soluções concretas e muita solidariedade (pág. 08).

Esse cenário também nos conduziu a duas novas linhas de atuação: prestando atenção às pressões sobre o trabalho docente, circunscrito ao espaço-tempo doméstico, passamos a oferecer conteúdo voltado à saúde mental, bem como a alternativas de ser-estar no mundo numa perspectiva mais holística e integradora: pilates, yoga, meditação, dicas de alimentação, de cuidados com crianças e idosos, de mediação leitora e outras necessidades. Por outro lado, passamos a atuar em redes de solidariedade, já que as emergências por alimento, produtos de higiene e equipamentos de proteção individual são praticamente diárias. Nosso anseio de responder a esse desafio resultou em feliz parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores, promovendo o fluxo da produção camponesa desses nossos companheiros, enquanto levantamos a pauta da segurança alimentar e soberania do país. Confira as principais ações da Apub na Quarentena (pág. 15).

E assim, prosseguimos em defesa da Universidade pública e pela democracia.

► DESINFORMAÇÃO

Água morna com limão não cura a Covid

O que são, de onde vêm e de que se alimentam as notícias falsas – e por que é tão fácil acreditar nelas



Imagem: Getty images

// Como médicos(as), enfermeiros(as) e especialistas em saúde do mundo todo, estamos aqui para fazer uma denúncia. Nosso trabalho é salvar vidas. Mas neste momento, além da pandemia da Covid-19, enfrentamos também uma 'infodemia' global, com desinformações viralizando nas redes sociais e ameaçando vidas ao redor do mundo".

Assim começa um documento assinado, primeiramente, por profissionais de saúde de 17 países e que circula em forma de petição online na plataforma ➡ [Avaaz](#). O texto é uma chamada à responsabilização das empresas de redes sociais para evitar a disseminação de conteúdo falso que prejudica os esforços na contenção da pandemia de covid-19. Embora não sejam uma novidade no cenário brasileiro e internacional, as notícias falsas tomaram uma dimensão talvez mais trágica nesse momento – tornaram-se, de fato, letais. Mas o que explica esse fenômeno e quais métodos podem ser empregados para contê-lo? As respostas não são simples, nem podem ser esgotadas neste texto, mas deixaremos aqui algumas pistas - e todas as referências para que você possa pesquisar por si mesmo/a e não correr o risco de acreditar em tudo que lê na internet.

Como começou

Embora a existência de notícias e informações falsas possa ser remontada há séculos, o fenômeno contemporâneo que muitos chamam de *Fake News* – há divergências entre pesquisadores a respeito da precisão dessa nomenclatura – tem sua gênese geralmente identificada nas eleições estadunidenses de 2016, quando blogs identificados com a candidatura do Republicano Donald Trump começaram a fabricar e espalhar notícias falsas sobre a rival Democrata Hillary Clinton. Outro evento comumente relacionado à emergência do fenômeno foi o referendo do *Brexit* (processo de saída do Reino Unido da União Europeia). Tanto que a pós-verdade (*Post-truth*) foi escolhida a palavra do ano em 2016 pelo Dicionário Oxford. De acordo com o professor Pablo Ortellado (USP), as *Fake News* são uma das consequências do ambiente de polarização política, quando grupos e pessoas estão mais propensos a buscar e, principalmente, difundir informações – factuais ou não – que reforçam a sua narrativa ou visão de mundo. Elas também se relacionam com a chamada “crise epistêmica”, que, conforme explica a professora Nina Santos (Facom/UFBA), “é a crise desses centros legitimados de produção de conhecimento e de ‘verdades’ – então [tem a ver com] as críticas à ciência, às universidades, à própria imprensa, ao Estado, aos políticos, às instituições democráticas de forma geral. ➡

[Assista à conferência do professor Ortellado no canal Casa do Saber.](#)

Como se espalham

O ambiente político contribui, mas não é o único fator para o problema das *Fake News* – elas são um fenômeno intimamente relacionado à internet e às dinâmicas algorítmicas das redes sociais. Embora o conteúdo falso ou enganoso possa ter origens em blogs ou sites que emulam as estruturas dos portais de notícias do jornalismo profissional, são nas redes sociais que esse conteúdo ganha força e capilaridade através do sistema complexo de algoritmos automatizados que propiciam a criação de “bolhas” e nichos nos quais as mentiras encontram grande adesão e os desmentidos não necessariamente alcançam. Em palestra para o projeto ISC em Casa, transmitida no dia 15 de maio desse ano, o professor André Lemos (Facom/UFBA) explicou que “a lógica algorítmica é fundamental para a dispersão de notícias falsas. Para ampliar esse tipo de ação, os que produzem *Fake News* utilizam também *bots*, robôs para alcançar ainda mais pessoas nas plataformas e no WhatsApp”. ➡ [Assista à palestra do professor no canal do ISC/UFBA.](#)



Imagem: www.freepik.com

São só os robôs?

O uso de bots – contas automatizadas – é importante na disseminação de notícias falsas por inflar artificialmente a relevância de dado conteúdo. Mas não são os únicos e, segundo alguns estudos, sequer os principais responsáveis pela atual infodemia. De acordo com o artigo (*pré-print*) da professora Raquel Recuero (UFPEL/UFRGS) e do doutorando Felipe Soares (UFRGS), o espalhamento está associado à atuação de “influenciadores” e líderes de opinião que replicam o conteúdo – ao qual se identificam politicamente – conferindo alcance e autoridade. No estudo de caso apresentado no artigo – que analisou 57.295 mil tweets que continham as palavras-chave “coronavírus” e “cura” entre 20 e 29 de março, um dos principais influenciadores foi o próprio presidente Jair Bolsonaro que em declarações diversas minimizou a letalidade do vírus, desdenhou do isolamento social e “vendeu” a hidroxicloroquina como a cura para a doença. O artigo também destaca – em consonância com a análise de Pablo Ortellado – que o ambiente de disputa política, notadamente, no caso, entre Bolsonaro e o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta facilitou a circulação das informações enganosas. Importante destacar que o artigo citado trabalha com o conceito de “desinformação”, do qual as notícias falsas seriam apenas um exemplo. De fato, os autores afirmam em sua conclusão, que o principal tipo de desinformação encontrado é de “enquadramento enganoso”, ou seja, não se trata de uma peça inteiramente fabricada, mas possui uma base factual que é distorcida para servir à narrativa prévia de quem a espalha. ➡ [Leia o artigo na íntegra](#).

E se é falso, por que a gente acredita?

As mentiras são fabricadas para reforçar visões de mundo pré-existentes e, por isso, é tão difícil de desmenti-las. “O que esses conteúdos estão fazendo é repetindo convicções políticas que nós já temos, sejam elas de esquerda, sejam elas de direita, aprofundando essas convicções e explorando a nossa fragilidade cognitiva, que advém do viés de confirmação para a gente apertar o botão de compartilhar e difundir”, explicou o professor Ortellado. Ele ainda afirmou que, de acordo com as suas

pesquisas, “a mentira circula mais nas redes sociais do que a verdade. Porque a mentira adere mais à narrativa, adere mais facilmente às nossas convicções”. De modo parecido, o professor André Lemos destacou que “é uma coisa realmente assustadora, mas difícil de frear porque não está no regime científico da razão – que é, ‘vamos desmontar as cadeias de referência’ – está no regime de um apego a um mito, a uma adesão religiosa a um ídolo, é isso que nós estamos vendo hoje, alimentado pelas redes sociais”. E os danos que as mentiras causam são especialmente trágicos no momento da pandemia, quando as pessoas estão ainda mais vulneráveis a acreditar em uma “cura”, por exemplo. Conforme explica Nina Santos, “esses fenômenos são ainda mais danosos porque o combate a essa pandemia basicamente se baseia em questões comportamentais. Você não tem medidas farmacológicas, você não tem uma vacina, você não tem um remédio... Então como essa questão comportamental é muito central, a comunicação acaba ganhando uma dimensão ainda maior”. ➡ [Leia o relatório “Ciência Contaminada”](#) – do qual a professora Nina Santos é uma das pesquisadoras – que analisou as redes de desinformação sobre a covid-19 no YouTube.



Imagem: www.freepik.com

E o que podemos fazer?

Há muitas divergências sobre o melhor caminho de enfrentar esse fenômeno. Existem várias iniciativas de agências de checagem de fatos (como a Lupa, Aos Fatos, Fato ou Fake entre várias outras), além de medidas tomadas pelas próprias plataformas de redes sociais, que têm sido chamadas a prestar contas pela influência nefasta da desinformação no debate público. O WhatsA-

pp limitou o número de compartilhamentos de mensagens; em fins de março, Twitter, Facebook e Instagram apagaram postagens com conteúdo enganoso do presidente da república. O portal de checagem *Aos Fatos* criou um bot chamado Fátima, a robô que envia as últimas checagens do site sobre a pandemia. Em abril, o Facebook anunciou que irá mostrar notícias verdadeiras para quem curtir conteúdo falso. Apesar desse conteúdo falso ocupar todas as redes, é no WhatsApp que ele se espalha de um modo ainda mais difícil de controlar, devido à criptografia do aplicativo que o torna um ambiente ainda mais fechado e difícil de monitorar o que circula ali. O que o professor André Lemos sugere é uma combinação de ações – educacionais, através de li-

teracia midiática; técnicas, que são justamente a responsabilização das plataformas e exigência de transparência; jurídicas, com leis federais para punir quem intencionalmente fabricar e disseminar mentiras; e de contra-informação, com as agências de checagem e os desmentidos. Outro método de enfrentamento que tem chamado a atenção nos últimos dias é encampado pelo perfil do Twitter Sleeping Giants Brasil ➡ ([@slpng_giants_pt](https://twitter.com/slpng_giants_pt)), versão brasileira de um movimento estadunidense que alerta empresas cujos anúncios estão sendo veiculados em sites que propagam mentiras. Somente até 22 de maio, marcas como Dell, O Boticário e Telecine anunciaram que vetariam a inclusão de suas publicidades em sites suspeitos, atingindo assim a lucratividade dessas iniciativas mentirosas.

➡ Para saber mais sobre as especificidades do WhatsApp, ouça o episódio #165 ([A caixa preta do zap](#)) do podcast Viracasacas com a antropóloga Letícia Cesarino (UFSC)

➡ Para acompanhar as contribuições da Apub nessa discussão, assista à [mesa do VI Encontro de Professores e Professoras Aposentados](#), com o professor Joviniano Neto, diretor da entidade

➡ E assista também a mesa Apub no Congresso da UFBA, realizada no dia 18 de maio, com o tema "[Democracia e Política na Plataforma Digital – o desafio das Fake News](#)"



► IFES CONTRA A PANDEMIA

IFES em ação contra a Covid-19

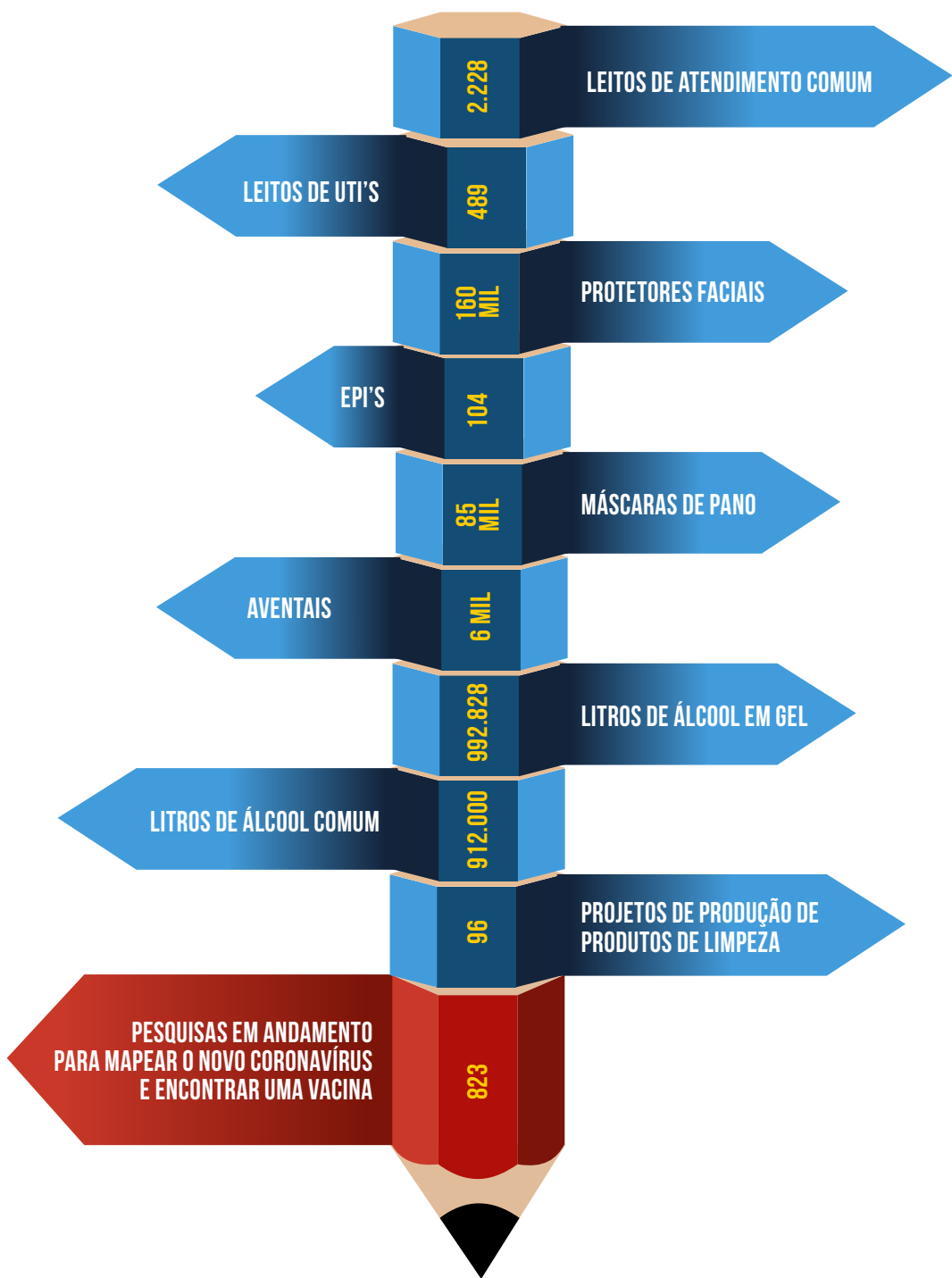
Universidades e Institutos federais assumem protagonismo no combate à pandemia no Brasil

Desde o primeiro caso registrado de covid-19 no Brasil, em fevereiro, as universidades públicas e institutos federais têm mobilizado todas as suas áreas para colaborar no combate à disseminação da doença. Como as maiores responsáveis pelas pesquisas científicas no país, as IFES têm tido papel fundamental nas buscas por soluções para a pandemia apesar dos recentes cortes orçamentários e os constantes ataques do Ministro da Educação Abraham Weintraub.

A atuação das IFES diante da pandemia contrapõe qualquer argumento de que elas estejam paradas. São diversas as ações de solidariedade, pesquisa, produção e distribuição de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), educação e outras mais.

Um levantamento da Andifes, publicado no dia 11 de maio, indicou as principais iniciativas promovidas por 46 universidades federais no combate à pandemia. Segundo a entidade, há 823 pesquisas em andamento para mapear o novo coronavírus e encontrar uma vacina. Para além disso, o estudo identifica que as universidades têm buscado maneiras de elaborar sis-

Produção de 46 universidades federais durante a pandemia



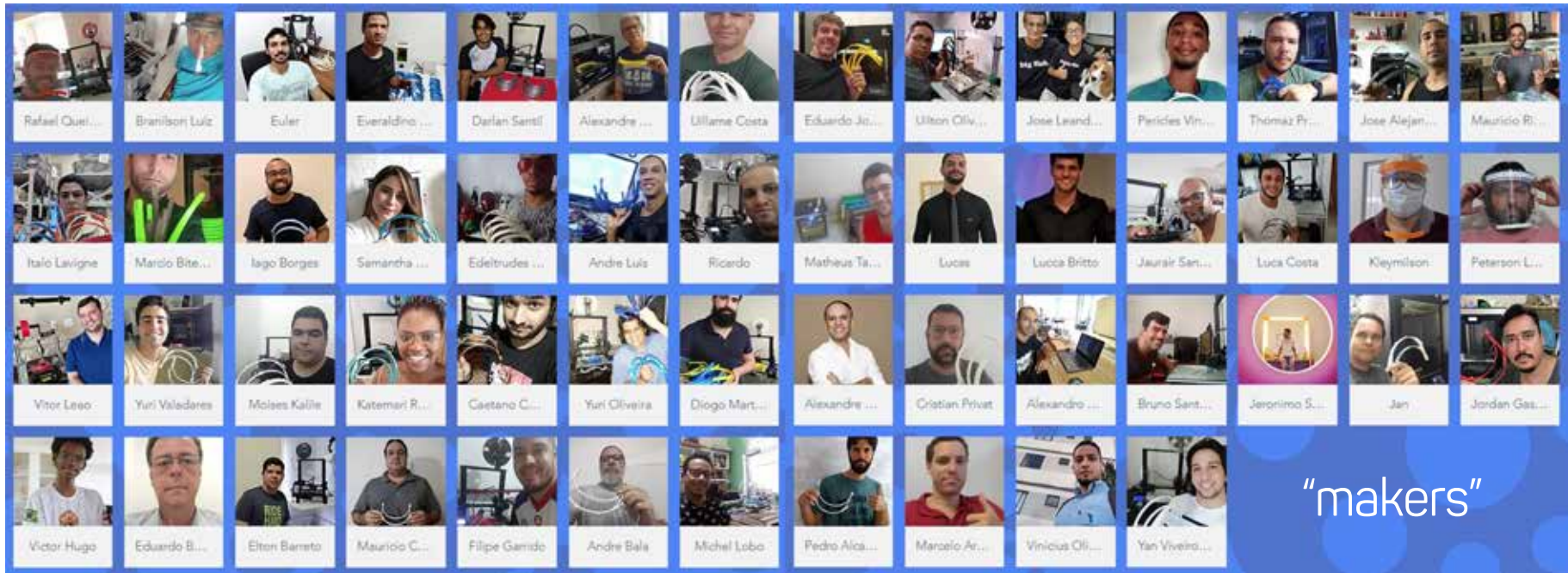
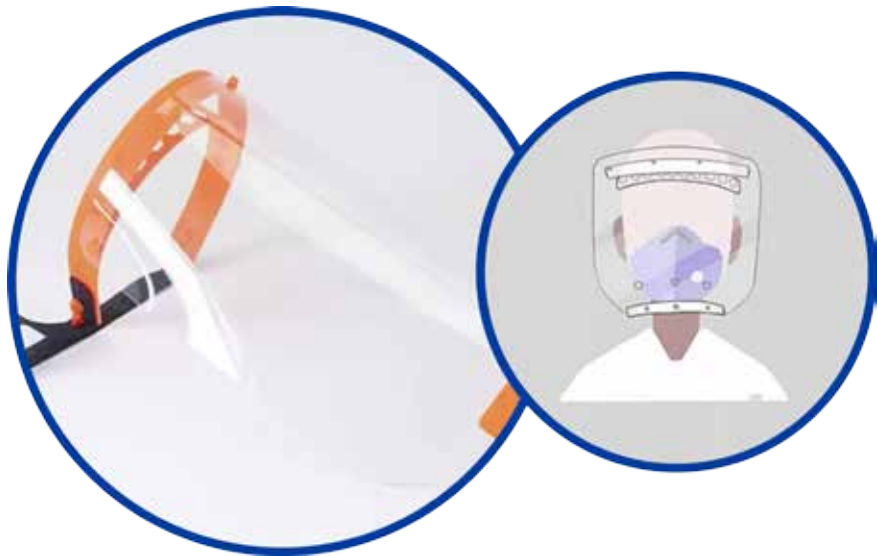
temas informatizados para a detecção de novos casos da doença; descobrir tipos de testes mais baratos e fabricar nacionalmente peças para ventiladores mecânicos.

Ainda de acordo com a pesquisa da Andifes, em ações mais pontuais, as instituições de ensino disponibilizaram 489 leitos de UTIs e 2.228 leitos de atendimento comum. Já foram produzidos 992.828 litros de álcool em gel e de 912.000 litros de álcool comum por meio de 96 projetos para produção de materiais de limpeza. Essas 46 universidades também são responsáveis pela produção de mais de 160 mil protetores faciais, 104 EPIs, 85 mil máscaras de pano, 6 mil aventais e 2 mil capuzes.

Iniciativas das instituições baianas

Na Bahia, não diferente do restante do país, são realizadas uma série de ações e parcerias para colaborar com a sociedade. Cientistas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), por exemplo, conseguiram realizar, em apenas uma semana, o sequenciamento genético do coronavírus. O estudo mostra que o Sars-cov-2, responsável por infectar mais de 4 milhões pessoas no mundo, já possui alterações que o diferenciam, por exemplo, do material genético chinês utilizado como referência.

O projeto ➡ **“Face Shield for Life 3D”** é uma iniciativa de professores universitários, pesquisadores, profissionais e voluntários da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Escola Bahiana de Medicina e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A proposta é reunir “makers” - pessoas que produzem objetos utilizando a tecnologia de impressão em 3D - para que utilizem seus equipamentos na produção de protetores faciais.





► ALÉM DA PANDEMIA

Foto: www.tribunadainpressalivre.com

Pandemia no Brasil e as tragédias anunciadas

O avanço de um governo autoritário e negacionista face a uma tragédia humanitária que se impõe em um país cujo principal traço da desigualdade social é o racismo estrutural.

Medo, crises e a necessidade de medidas emergenciais podem ser pretextos para giros antidemocráticos em várias partes do mundo. No Brasil, apesar de não surpreender, as respostas do governo de Jair Bolsonaro, que sempre reverenciou a Ditadura Militar, à pandemia são sobremaneira ameaçadoras em um país com uma democracia relativamente jovem repousando em uma velha estrutura colonialista e escravagista - somos o sétimo país mais desigual do mundo, segundo Relatório do Desenvolvimento Humano 2019 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). A pandemia do novo coronavírus expõe as mazelas brasileiras, novas e antigas: um governo omissivo e perverso sacrifica a população, que por sua vez, sofre e tem condições distintas para atravessar a crise humanitária que se desenha cada dia mais grave.

“Quem manda sou eu”, disse Jair Bolsonaro a jornalistas, no dia 29 de abril, ao tratar da sua tentativa de ingerência no comando da Polícia Federal. Tal declaração - acompanhada de fatos como o apoio e participação do presidente em manifestações, realizadas já no período de recomendação do isolamento social, pelo fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal - é, no mínimo, preocupante. “Considerando que num Estado Democrático de Direito os poderes devem ser independentes e harmônicos entre si e a tripartição destes é um dos princípios da Democracia, não se pode deixar de reconhecer que, hoje, há a tentativa de destruição desse equilíbrio por parte do executivo brasileiro, que vem desestabilizando as instituições”, afirma Maria Victória Espiñeira González, professora titular do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal da Bahia e coordenadora do Grupo de Pesquisa, Democracia, Participação e Representação Política da Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais.

Como alerta, Espiñeira lembra que no dia 06 de maio, o STF suspendeu a Medida Provisória 954/2020, publicada em 17 de março, que previa o compartilhamento de dados de usuários de telecomunicações com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para produção de estatística oficial durante a pandemia. O entendimento do Supremo é de que a MP violaria o

// Hoje, há a tentativa de destruição desse equilíbrio por parte do executivo brasileiro, que vem desestabilizando as instituições”
Maria Victória Espiñeira

direito constitucional à intimidade e ao sigilo de dados. “Essa era uma das várias iniciativas do governo para aumentar o controle sobre os cidadãos e a pandemia estava sendo utilizada como ‘desculpa’ ”.

A indisposição política de Bolsonaro não é apenas em lidar com os outros poderes - em meio à crise, dois Ministros da Saúde, Luis Henrique Mandetta e Nelson Teich, deixaram o cargo pela impossibilidade de atuar baseados em pesquisas científicas e nas recomendações sanitárias para conter o aumento de infecções e mortes pela covid-19. O governo federal sequer aponta a viabilização da testagem em massa, “o que além de mascarar as estatísticas de óbitos e contaminações, impede a adoção de medidas sanitárias e políticas públicas adequadas para o enfrentamento da crise”, denuncia Felipe Santos Estrela de Carvalho, professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia e presidente da Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (AATR).

Comorbidades sociais

Além dos números, é preciso considerar outras informações para direcionar as políticas - quem está adoecendo e morrendo no Brasil? “Seguindo tendência verificada nos EUA, a Covid-19 revelou-se mais letal entre pretos e pardos no país. Embora minoritários entre o número dos hospitalizados pela doença (22%),

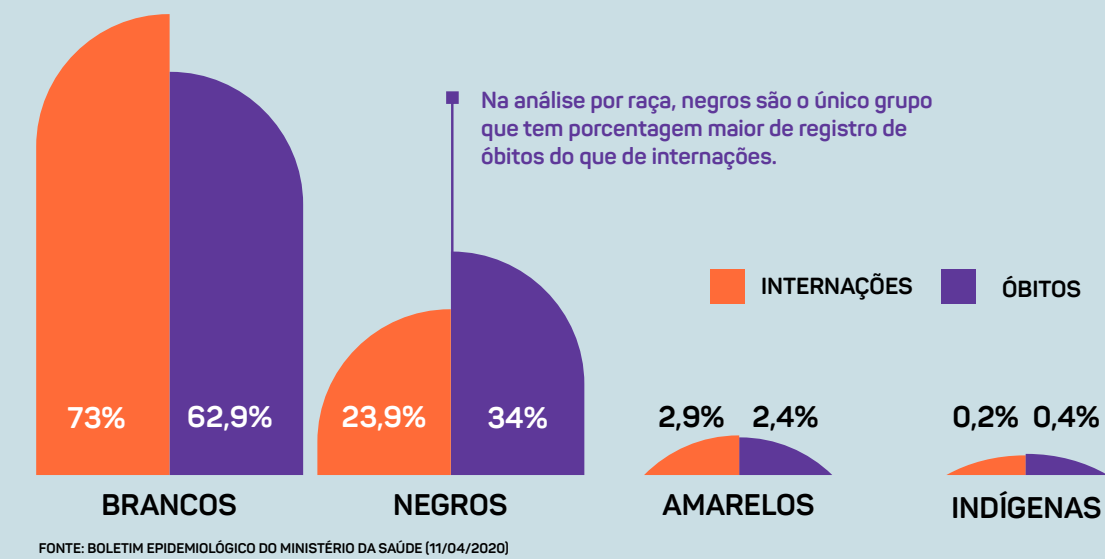
negros representam 33% dos óbitos causados pelo novo coronavírus, segundo dados do Ministério da Saúde. A existência de comorbidades, como diabetes e hipertensão, aliadas à precariedade social e econômica explicam em parte a maior exposição das populações negras aos riscos da pandemia”, explica Estrela. O discurso de relativização das medidas de isolamento social, assim como o negacionismo da gravidade da doença, “reforçam essa tendência de evisceração das vidas negras”. E continua: “diversos indicadores socioeconômicos, relativos à renda, escolaridade, mercado de trabalho, saneamento básico, aglomeração residencial, insegurança alimentar, mortes prematuras por letalidade policial, crimes dolosos ou doenças evitáveis, além da dificuldade do acesso à saúde pública dão os contornos necropolíticos e estruturalmente racistas que marcam a relação das populações negras com o Estado e com a sociedade civil brasileira em geral”.

Somente após pressão de organizações dos movimentos negros, o Ministério da Saúde passou a coletar e divulgar os dados da pandemia a partir da condição racial. No mesmo sentido, os povos indígenas e entidades de apoio vêm denunciando a subnotificação e omissão do Estado e, por isso, criaram o Comitê Nacional pela Vida e Memória Indígena, composto por indígenas das cinco regiões do país e colaboradores com o objetivo de acompanhar a evolução da pandemia nos territórios. Segundo levantamento do Comitê, até dia 18 de maio, mais de 44 povos foram atingidos, 540 indígenas contaminados e 103 mortos, contrastando com os 23 óbitos e 371 casos confirmados pela Secretaria Especial de Saúde Indígena.

Ressalta-se que, além do medo de mais um ciclo de dizimação, os povos originários estão enfrentando o avanço das invasões por grandes corporações do agro-hidro-negócio e principalmente dos garimpos ilegais devido à ausência de fiscalização neste período de isolamento, agravado pela desregulamentação, sucateamento e desmonte dos órgãos da função agrária e ambiental como IBAMA, ICMBIO, INCRA e FUNAI. “O avanço da pandemia da Covid-19 parece incrementar o cenário de expropriação territorial contra as populações tradicionais. Violência institucional pública e privada, precariedade no acesso aos serviços de saúde e insegurança alimentar têm sido as principais ameaças denunciadas por essas comunidades”, lamenta Estrela.

Efeito do coronavírus em indivíduos divididos por raça/cor

No Brasil, a covid-19 é proporcionalmente mais letal entre os negros (pretos+pardos)



Democracias em risco?

Na Hungria, sob a égide do combate ao coronavírus, o parlamento aprovou a concessão de poderes extraordinários para Viktor Órban governar por decreto sem limite de tempo e sem controle. Na Turquia, o Ministério do Interior do governo de Recep Tayyip Erdogan divulgou, em comunicado oficial, dados sobre o rastreamento de perfis nas redes sociais, identificação de suspeitos e detenção de mais de 400 pessoas críticas à gestão da pandemia e/ou ao governo, somente no mês de abril. O governo Uruguaio do presidente Luis Lacalle Pou busca aprovar um projeto de reformas para o país através da Lei de Urgente Consideração, composta por 502 artigos e que prevê, por exemplo, a atribuição de mais poderes às forças de segurança e endurecem o Código Penal. Além ainda, da escalada anticiência e xenófoba do Estados Unidos de Donald Trump.

“Fazer previsões de um modo geral é sempre uma atividade arriscada”, explica a professora Espiñeira. No entanto, “é possível perceber que existe uma tendência autoritária, principalmente diante dos acontecimentos recentes da América Latina. Nos últimos anos, vimos a direita assumindo na Hungria, na Ucrânia, com um perfil nitidamente fascista. Na União Europeia, a xenofobia em relação aos imigrantes e, mais recentemente, aos refugiados é a plataforma política de vários partidos”. Em contrapartida, há exemplos de solidariedade entre as nações e líderes que apontam para o fortalecimento do papel do Estado na garantia de condições de vida digna e bem-estar, como a vice-prefeita de Amsterdam, Marieke Van Doorninck que tem defendido propostas econômicas que priorizem as políticas básicas para segurança alimentar, acesso à água potável, energia, moradia, saneamento, educação, saúde, igualdade de gênero, renda e voz política. “Uma proposta nova de oferecer ao cidadão uma condição em que a igualdade se aproxima à ideia da liberdade, condições necessárias a uma democracia substantiva”, afirma.

Organização e resistência

A eleição de um político como Bolsonaro e a sua forma de conduzir a atual crise demonstram que há muitas tarefas para consolidar a Democracia formal e a democratização da sociedade brasileira. Se de um lado, “a carne e o sangue do sistema, que seriam seus conteúdos sociais de justiça e de igualdade”, não são preocupações do Estado liberal como diz Espiñeira, de outro experimentamos, como aponta Estrela, as diversas articulações dos povos para exigir que “os órgãos responsáveis cumpram com sua função legal em promover os direitos fundamentais à saúde, moradia, trabalho digno, renda e alimentação”, e paralelamente, construir suas alternativas baseadas na organização comunitária.

► APUB NA QUARENTENA



APUB NA QUARENTENA

APUB
SINDICATO

Sindicato mantém rotina de mobilização durante o isolamento social

A necessidade de manter o isolamento social trouxe alguns desafios inéditos para a atuação do sindicato. Na impossibilidade de convocar atos de rua, de fazer visitas às unidades, Assembleias ou debates, a Apub reorganizou sua agenda e desenvolveu novas estratégias para seguir trabalhando e mobilizando sua base docente. A maior parte dessas iniciativas está reunida no **hotsite Apub na Quarentena**, uma plataforma pensada para registrar e propor ações de impacto nesse período. Ali, estão as informações sobre o funcionamento da Assessoria Jurídica, as lives que o sindicato organiza, as Campanhas online que tem sido feitas, as contribuições das Universidades e Institutos Federais no enfrentamento à pandemia e também as contribuições das/os docentes, que têm produzido um conteúdo especial, com artigos, vídeos e dicas de modo a manter a proximidade do sindicato e das/os colegas. Ainda, as ações na defesa do serviço público e da categoria docente continuaram, com articulações nacionais e pressão sobre o parlamento para garantir direitos.

apub.org.br/apubnaquarentena

Dicas de atividades e de saúde

Apesar da mudança brusca da rotina, o trabalho dos professores e professoras não parou. Mas, a adaptação à nova realidade exige a busca de soluções coletivas e criativas para demandas trazidas pelo momento. Pensando nisso, a Apub convidou e os/as docentes responderam com dicas de atividades, leituras, cuidados com a alimentação e com as crianças e idosos nesse período. O sindicato também disponibilizou videoaulas de yoga, pilates e meditação para manter a saúde mental também em dia.

Assessoria Jurídica realiza atendimentos online

O atendimento da assessoria jurídica da Apub está sendo realizado de maneira remota. Os advogados estão disponíveis online nos horários dos plantões (nas tardes de quarta e quinta-feira) para atender via Skype ou outro aplicativo de comunicação. Dúvidas também estão sendo respondidas por e-mail e WhatsApp.

Para agendamento e garantir a melhor forma de realizar o atendimento, basta entrar em contato com a secretária do setor jurídico, Nautília Machado, através do e-mail assessoriajuridica@apub.org.br ou pelo telefone (71) 9.9148-6828.

Contribuições escritas de professores e professoras abordando temas diversos relacionados à pandemia e à conjuntura.

Gostaria de compartilhar um texto?

Basta enviar para nosso e-mail

ascom@apub.org.br



ACESSE AQUI A PÁGINA DE ARTIGOS
APUB.ORG.BR/APUBNAQUARENTENA/ARTIGOS





A mobilização online

O sindicato mantém o diálogo com seus professores e professoras no ambiente digital, com formas alternativas de mobilização, compartilhamento e discussão. Até o momento, a Apub já promoveu as *lives* “A pandemia do coronavírus e a conjuntura nacional” com Raquel Nery (Apub), Luciene Fernandes (PROIFES-Federação) e Maria da Glória Teixeira (ISC/UFBA); “Alternativas econômicas e proteção ao trabalhador no enfrentamento à pandemia”, com Raquel Nery e José Luis Oreiro (UNB); “Docência e educação à distância em tempos de pandemia”, com Lanara Guimarães (Faced/UFBA), Adriana Bruno (Unirio) e Marta Lícia de Jesus (Apub); “UFBA – Desafios e Resistência” com o reitor da UFBA João Carlos Salles e Luis Eugênio Portela (ISC/UFBA); e “Serviço Público, SUS e segurança dos trabalhadores da Saúde” com Mônica Angelim Gomes (Famed/UFBA), Benedito Silva Filho (Cebes/Enfermeiro do SAMU).

O sindicato ainda apoiou as Campanhas promovidas pelo PROIFES-Federação sobre as contribuições das IFES para combate à covid-19; Observatório do Conhecimento, que resgatou a mobilização da Greve Geral da Educação (15M); e SBPC, com a Marcha Virtual pela Ciência. Além de participar do Congresso Virtual da UFBA com três mesas de debate.

Outra mobilização importante nesse período foi a pressão sobre deputados e senadores pela exclusão dos trabalhadores e trabalhadoras da educação do congelamento salarial até 2021, proposto pelo governo Bolsonaro.



Ações de Solidariedade

A prática de ações de solidariedade entre as pessoas e as organizações tem se mostrado fundamental para passarmos pela pandemia da melhor forma possível, fortalecendo as iniciativas que podem contribuir para a construção de uma sociedade mais humana e mais justa. Uma dessas iniciativas é a parceria da Apub com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) que, além de oferecer produtos agroecológicos com entrega em casa, garante a doação de cestas de alimentos para comunidades em vulnerabilidade no período da pandemia.

A Apub também realizou a doação de máscaras de proteção para o Hospital Universitário Professor Edgar Santos da UFBA e enviará um par para a casa de todos os seus filiados e filiadas e corpo funcional, que tem realizado trabalho remoto desde março.



Raízes do
Brasil



Você já fez seu pedido de cesta camponesa da Rede Raízes do Brasil?

Aproveite e faça a compra sem sair de casa.



Acesse aqui o formulário para pedido.



**APUB
SINDICATO**

**APUB SINDICATO DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES
FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR DA BAHIA**

Endereço: Rua Professor Aristides Novis, 44,
CEP 40210-630, Federação - Salvador – Bahia.

DIRETORIA:

Presidenta: Raquel Nery Lima Bezerra
Vice-presidente: Emanuel Lins Freire Vasconcelos
Diretor Administrativo: Nildo Manoel da Silva Ribeiro
Diretora Financeira: Marta Licia Teles Brito de Jesus
Diretor Acadêmico: Jailson Alves dos Santos
Diretor de Comunicação e Cultura: Cláudio André de Sousa
Diretor Social e de Aposentados: Joviniano Soares de Carvalho Neto.

CONSELHO FISCAL:

Titulares: Ricardo Fernandes Carvalho, Auristela Felix de
Oliveira Teodoro e Ubiratan Felix Pereira dos Santos.
Suplentes: Eliete da Silva Bispo e Rutildes Moreira da Fonseca.

CONSELHO DE REPRESENTANTES:

(Titular/Suplentes): UFBA—SSA: 1. Daniel Tourinho Peres
(FFCH)/Fátima Regina Gomes Tavares (FFCH)
2. Marize Souza Carvalho (FACED)/Meran Muniz da Costa Vargens (Teatro)
3. Luiz Eugênio (ISC)/Maria de Nazareth Viana (Farmácia/Aposentada);
UFBA – IMS/Vitória da Conquista: 1. Daniele Souto Medeiros (IMS)/
Vivian Carla Honorato dos Santos de Carvalho (IMS/CAT);
UFRB: 1. Claudia Feio da Maia Lima (CCS)/Maria de Fátima da
Silva Pinto Peixoto (Aposentada); IFBA: 1. Eloisa Santos Pinto
(IFBA)/ José Antonio Alves Miranda (Aposentado);
UNILAB – Campus Malês: Clarisse Goulart Paradis/ Enzo
Lenine Nunes Batista Oliveira Lima (IHL-Malês).

Redação: Anaíra Lôbo, Carolina Guimarães e Greice Mara Silva

Diagramação: Carlos Vilmar

ascom@apub.org.br

Fechamento da edição: 25/05/2020.

Quer receber informações e notícias da Apub pelo whatsapp?

Mande um Oi para 9.9157-0037



71 3235-7433



71 9.9157-0037



WWW.APUB.ORG.BR



APUB@APUB.ORG.BR



APUBSINDICATO



APUB.SINDICATO



APUBSINDICATO



APUBSINDICATO